

Bacurau é sobre um povo inteligente  
André Luis La Salvia

O professor Plínio de Bacurau ensina as crianças da comunidade com um tablet conectado a uma tevê de tela plana. Mas se na aula, Bacurau não aparece nos mapas digitais, eles possuem um desenhado por eles mesmos. Seu Damiano, vendedor de ervas e temperos, viu um drone e percebeu que não era de ninguém de Bacurau, ou seja, ele não só sabe o que é um drone, como sabe que tem drone em Bacurau. Todos em Bacurau tem celular e recebem uma mensagem quando alguém passa pelo bar na entrada da cidade. Mas à frente na trama, o professor Plínio e o matador Pacote, contam a Lunga que alguns moradores estão voltando a morar ali, Tereza se coloca na lista. A população de Bacurau não é descrita como “simples”, “primitiva” e “carente”. Muito pelo contrário, eles optaram por viver naquele lugar e daquela forma, aliás em passagens breves podemos ter a explicação do porque muitos querem ou estão voltando a morar na cidade, afinal algo ruim está acontecendo já que “daqui alguns anos” temos um Brasil do Sul e execuções no Vale do Anhangabaú.

Kleber Mendonça Filho e Juliano Dorneles, diretores do filme, disseram em uma entrevista<sup>1</sup> que a ideia do filme nasceu em 2009 motivados pelas demonstrações de preconceito com os nordestinos como gente simples, com déficit cultural e intelectual. Na entrevista, Kleber Mendonça relata uma situação que viveu quando uma jornalista do Rio se surpreendeu que os jornalistas recifenses sabiam falar inglês. E, ambos, relatam que quando estavam em um festival com o curta *Recife Frio*<sup>2</sup>, que também se passa “daqui alguns anos”, viram documentários com pegada etnográfica que tratavam as pessoas como gente “simples”.

Não são só os críticos, tanto os que gostaram quanto os que não gostaram do filme, que estão se confundindo e achando que a população de Bacurau é pobre, miserável, carente e que precisam de algo. No filme, o prefeito de Serra Verde (com seu caminhão de propaganda que lembra Valdo, de *Black Mirror*) não sabe que a escola já conta com *tablet* e despeja vários livros velhos na sua porta. Ele e os amantes de tiro esportivo com armas “*vintage*” acham que a população de Bacurau é composta de gente simples e que será fácil tirá-los do mapa, assim como fizeram na manipulação digital do GPS e com o bloqueio do sinal de celular. Mendonça e Dorneles parecem querer nos provocar e fazer cair no clichê de achar que filme com população do interior do nordeste é filme de gente pobre, miserável, atrasada.

Nesse erro estratégico, vem o momento que o filme se parece com *Eles vivem*, de John Carpenter, misturado com *Um Drink no Inferno*, de Roberto Rodriguez. Os moradores, liderados por Lunga e Pacote organizam o ataque. Explodem e cortam cabeças. Se armam com as armas do Museu de Bacurau, armas de tempos atrás, quando a cidade já tinha resolvido na bala outros problemas.

Aqui estão outras possíveis referências de Mendonça e Dorneles, afinal a população se arma com as armas de Lampião, graças a percepção sagaz de um matador de aluguel que suspeita que algo estranho está para acontecer. O filme parece fazer eco a outros filmes pernambucanos, principalmente *Baile Perfumado* (Lírio Ferreira e Paulo Caldas, 1997)<sup>3</sup> e *O rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas* (Paulo Caldas e Marcelo Luna, 2000)<sup>4</sup>. Na leitura de *Baile Perfumado*, Lampião é humanizado (se deixa filmar, vai ao cinema, compra perfume) e colocado em uma

---

<sup>1</sup> <https://farofafa.com.br/2019/08/28/bacurau/>

<sup>2</sup> [http://portacurtas.org.br/filme/?name=recife\\_frio](http://portacurtas.org.br/filme/?name=recife_frio)

<sup>3</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=3Hw0SjxHUso>

<sup>4</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=vgcvfXZdvbl>

situação de análise mais complexa, ele não seria apenas um bandido, mas seria um dos reflexos da revolta de uma classe esmagada pelo coronelismo. “O banditismo como uma questão de classe”, como já cantou Chico Science. Lunga é translampião, um lampião de megahair que organiza o ataque às almas sebosas dos amantes de tiro esportivo com as armas do cangaço guardadas no Museu. Ele se alia a Pacote, matador profissional que faz eco a outro personagem complexo, o matador Helinho que enviava as almas sebosas para o inferno. Pacote e Lunga não são mistificados como heróis, suas personagens são complexas, como pensar em um criminoso procurado pelo estado, o mesmo estado que faz execuções públicas?

Em ambos os casos, a violência é a resposta da população que não conta com o apoio das instituições como o estado, além do prefeito corrupto, em Bacurau ônibus escolar virou uma horta, ou da igreja, já que em Bacurau a igreja é um depósito, ou da mídia. Isolados, eles respondem com violência ao ataque que sofrem. Não é resistência, é partir para o ataque.

Em uma crítica contrária ao filme, um crítico severo disse que o filme era sinal da falta de inteligência da esquerda que mistifica os americanos aliados da burguesia do sul para massacrar o povo do nordeste. Pena que o crítico ele mesmo não percebeu que o povo não é mistificado, mas retratado como inteligente, conectado e, mais, é capaz de atacar. O crítico também não percebeu que os amantes de tiro esportivo agem por um impulso assassino motivado pela catarse e não por um raciocínio econômico de imperialismo. Aja visto que o alemão não tendo nenhum cidadão para matar, atira em cães e nós próprios americanos, ou a mulher que fica excitada após matar, ou o quase assassino de massa que recebeu de Deus a oportunidade de matar a população de Bacurau para aliviar suas frustrações. A pergunta que ecoa e fica sem resposta é que deveríamos ficar pensando: Por que eles estão fazendo isso? E mais, por que estão ocorrendo execuções em São Paulo?

Essas perguntas não são simples, são complexas, não dá para responder de forma maniqueísta de “nós contra eles”, desse jeito só se repete um velho clichê. Voltemos ao *Recife Frio*, da mesma dupla de diretores, a situação hipotética futurista serve para desvelar os problemas da cidade, como a poluição do rio Capibaribe, os pobres que precisam queimar madeira, os necrotérios cheios de mortos, a elite que agora invade o quarto da empregada, resquício da senzala. A situação hipotética do futuro não é uma metáfora ou uma alegoria, ela abre uma caixa de Pandora que nos apresenta problemas para pensar: qual o sentido da bandidagem de Lunga e Pacote? Por que a população fez da igreja depósito? Até onde vai o tesão dos amantes de tiro esportivo? Por que populações de regiões rurais do Nordeste são imediatamente chamadas de miseráveis?